

O SOLAR DA TRAVESSA PARAÍSO: um exemplo de arqueologia histórica em Porto Alegre

Cláudio Baptista Carle¹
Alberto Tavares Duarte de Oliveira²

A Secretaria Municipal de Cultura de Porto Alegre através do Museu Joaquim José Felizardo vem desenvolvendo pesquisas arqueológicas na área do município de Porto Alegre.

O objetivo destes trabalhos é o de evidenciar o desenvolvimento histórico da cidade através dos dados fornecidos pela cultura material. Busca-se, também, demonstrar a forma de assentamento e ocupação dos sítios dos séculos XVI a XX, tentando verificar as relações destes indivíduos com outros assentamentos próximos, seus vizinhos, seus criados, escravos, com comunidades circundantes e distantes.

O Museu em conjunto com a Equipe do Patrimônio Histórico e Cultural (EPAHC) realizam um trabalho de valorização do Casarão conhecido como "Solar da Travessa Paraíso", contando com o apoio da Fundação de Amparo a Pesquisa do Rio Grande do Sul (FAPERGS) a qual proporcionou bolsa Recém-Mestre a um dos autores do presente trabalho. O Casarão recentemente sofreu uma intervenção na área frontal, no qual o trabalho está baseado. Apresentamos os resultados parciais das interpretações histórico-arqueológicas.

1 Mestre em História Ibero-Americana. Bolsista Recém-Mestre da FAPERGS.

2 Acadêmico de História da UFRGS. Estagiário da EPAHC – SMC – PMPA.

1 – O SOLAR EM SEU CONTEXTO HISTÓRICO

No antigo Morro do Cristal, atual Morro Santa Teresa, em Porto Alegre, na década de vinte do século passado, foi construída uma edificação em forma de sobrado. Este sobrado, de estilo urbano português de época, apresentava dois pisos e servia de sede de uma chácara, provavelmente para a família de Onofre Pires da Silveira Canto, recém retornado da Guerra Cisplatina (1825).³ Em 1844, este militar que já tomara partido dos farroupilhas, duela com Bento Gonçalves o que lhe causa a morte pela espada. Com sua morte a chácara do Cristal passa, por dívidas, às mãos de Francisco Pinto de Souza, eminente político imperial em Porto Alegre.⁴

As dificuldades de acesso ao Arraial do Menino Deus, onde a chácara estava situada, levou o político a desfazer-se da propriedade (1854) em favor do Médico Português Dionísio de Oliveira Silveiro.

Dionísio Silveiro, que havia cursado medicina em Coimbra, chegara moço em Porto Alegre, casando-se em 1832, com Rafaela da Silva Freire, filha do Coronel Vicente Ferrer da Silva Freire e neta do Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira, antigo donatário de sesmaria na área de Porto Alegre. Rafaela morre quatro anos depois, no mesmo ano em que seu pai fora morto pelos farroupilhas. Dionísio casou-se então com a irmã da Rafaela, Maria Sofia da Silva Freire, com a qual teve quatro filhos (dois homens e duas mulheres).⁵

Com a aquisição da chácara pela família Silveiro o local, que estava abandonado, passou a ser mais freqüentado recebendo medidas de estruturação no sentido de torná-lo mais viável quanto ao acesso e uso.

Foram construídos alguns galpões de apoio, nos fundos do prédio, bem como, houve ampliações do próprio prédio.

O Arraial do Menino Deus nesta época era muito freqüentado nos períodos da Festa do Entrudo (carnaval) e festividades de Fim de Ano. A população aproveitava as praias do Rio Guaíba em chácaras de veraneio.

3 Instituto Histórico e Geográfico (Árvore Genealógica).

4 Inventário de Dionísio de Oliveira Silveiro (1871-79) e Anais do Arquivo Histórico Moyses Vellinho.

5 BELLO, 1990.

O caminho de acesso à Chácara do Cristal, hoje rua Silveiro, foi sendo melhorado com autorização da câmara dos vereadores. Este caminho servia eventualmente, em função das cheias do rio, de acesso ao Sul da cidade e mesmo ao antigo Colégio Santa Teresa.⁶

Desta casa de chácara era possível avistar o rio e os barcos que ali trafegavam. Em Porto Alegre durante o século XIX poderiam chegar ao porto navios de até três mastros, possuindo alfândega desde 1804. Porto Alegre abriu navegação aos portos europeus em 1856, permitindo assim a grande entrada de materiais manufaturados nos grandes centros metropolitanos. Já nesta época Porto Alegre apresentava uma grande quantidade de produtos estrangeiros, tais como: bebidas, louças, vidraças de janelas, telhas e outros. Este comércio ultramarino e nacional propiciou o grande desenvolvimento da cidade.⁷

Os produtos importados não eram de fácil acesso pois as taxas alfandegárias eram bastante elevadas chegando a 30% sobre o valor dos produtos comuns e no caso dos móveis e veículos até 50% do total. Assim, muitos produtos importados eram adquiridos apenas pelas famílias abastadas.⁸

O sobrado nesta época era o símbolo de "status" e da demonstração de poder da sociedade mercantil dominante no cenário porto-alegrense e gaúcho. As famílias que possuíam poder econômico em Porto Alegre se faziam representar por suas construções. As casas de dois pisos demonstravam o poderio econômico de seus ocupantes.

Entre os artigos comuns de entrada pelo porto estavam as louças domésticas, encontradas no trabalho de salvamento arqueológico realizado na antiga chácara. Outro artigo bastante utilizado pelos senhores dos sobrados foram os vidros planos, que representavam o luxo. O vidro plano começou mais amplamente a ser utilizado no Brasil a partir de 1802. Este era muito mais comum de ser encontrado nas casas gaúchas que nas nordestinas.⁹

Durante o século XIX os sobrados e as chácaras viveram o seu auge. Com a República o sobrado tem que se adaptar ao novo espaço social e geométrico, ao novo prestígio do espaço urbano, a uma maior socialização e democratização da vida brasileira.¹⁰

6 Inventário de Dionísio de Oliveira Silveiro (1871-79).

7 HÖRMEYER, 1986.

8 Ibid. nota 7.

9 FREYRE, 1940.

10 Ibid. nota 9.

O sobrado da Travessa Paraíso é um exemplo claro disto, a cidade ampliou-se cercando-o, levando a família Silveiro a desfazer-se da chácara, em 1911 o sobrado foi vendido. A família Nogueira Barbosa que adquiriu o terreno e o sobrado dividiu boa parte das terras e em 1930 dividiu o próprio sobrado, criando outras duas residências, alterando janelas e aberturas internas. O sobrado de sede de chácara virou um prédio de inquilinos perdendo seu referencial de status de família abastada assumindo a condição de prédio de periferia.¹¹

Na década de setenta, deste século, a casa deixou de ser ocupada por famílias regulares, o seu quintal foi sendo utilizado como depósito de lixo.

Mais recentemente a casa passou a ser utilizada como depósito de objetos roubados, dormitório de indigentes e área de consumo de drogas.

2 – A ARQUEOLOGIA NO SOLAR

Com o interesse de restauro e conservação da casa pela Prefeitura Municipal de Porto Alegre e com a pavimentação da Travessa Paraíso, a Prefeitura através da Secretaria Municipal de Cultura convidou-nos a realizar um trabalho de Salvamento e investigação arqueológica no local.

Realizamos uma escavação de Salvamento na área frontal à edificação em função da pavimentação da travessa.

Neste sentido os dados arqueológicos coletados são parciais e indicativos apenas de parte da relação moradia-acessos-moradores-visitantes, a qual nos interessa.

A metodologia de intervenção foi baseada no sistema de escavação por seções cumulativas no sentido de evidenciar as diferentes áreas de atividade da unidade sociológica, ou seja, o sítio foi dividido em áreas e estas em quadrículas de um metro de lado. As áreas de trabalho aqui investigadas estariam vinculadas aos acessos à unidade sociológica que era a chácara. Estas seções foram escavadas em separado e sua interpretação foi feita em conjunto. A escavação, propriamente dita, foi feita através da retirada das camadas naturais de deposição do solo, com o reconhecimento e coleta dos vestígios arqueológicos das ocupações.

¹¹ Ibid. nota 5.

No total foram escavados 304 metros quadrados na área frontal à edificação, sendo que esta pertencia ao logradouro público atual. Durante a escavação e através de análises estratigráficas verificamos uma perturbação significativa em boa parte do solo escavado, ocasionada pela colocação de um muro de arrimo, retilinização da rua e pela colocação de um cano de escoamento pluvial na área.

3 – O MATERIAL ARQUEOLÓGICO

Nem todo o material arqueológico foi analisado até o momento. As peças analisadas nos possibilitaram uma margem de interpretação que referenda parte dos dados levantados pela documentação histórica e evidencia parte ainda não conhecida da história dos solares e chácaras de Porto Alegre.

3.1 – A Cerâmica de construção e doméstica

Entendemos por cerâmica todo o artesanato de barro que foi queimado.¹² O conceito é utilizado há muito tempo e provém provavelmente da conjugação de três termos antigos: *Keramos*, *Keramik* e *Céramus*. No primeiro caso, *Keramos*, o termo indicava o chifre oco de animal o qual servia de copo aos antigos gregos, no segundo, *Keramik*, designava argila e o último, *Céramus*, que era o nome do filho do Deus *Bacco* e de *Ariana*, na mitologia Grega, o qual era protetor dos oleiros.¹³

A análise da cerâmica foi feita através de um estudo dendrítico. O primeiro ponto no topo da pirâmide dendrítica é o "grupo" (atributo – base, a natureza do objeto, a matéria-prima), este se divide em superclasses (atributo – uso), este se subdivide em classes (atributos – uso e formas), dividindo-se em subclasses ou padrões (atributos – os padrões de confecção e as formas) e, finalmente, estas subclasses se dividem em tipos (atributos baseados nas formas e especificidade de confecção).

Este estudo dendrítico permite conhecer tudo sobre os objetos, ou qualquer parte do objeto. Assim podemos analisar não só o grupo como

¹² CHMYZ, 1966.

¹³ BRANCANTE, 1981: 5.

também os tipos. Esta divisão inicial possibilita observar o objeto em si mesmo, mas para uma interpretação perfeita dependemos invariavelmente de sua procedência e na relação com os outros.

Os atributos para a identificação de todos estes pontos da interpretação dendrítica devem ser buscados, no caso da cerâmica, na argila.

O material básico a argila, apresenta numerosas variedades quanto à composição (natureza e proporção dos componentes) e ao estado físico (finura e homogeneidade). Repousando o interesse na plasticidade que permite a modelagem e na perda definitiva, daquela, na queima. Vários critérios técnicos foram empregados para analisar e determinar as cronologias e modos de produção.

O principal ponto de observação para definição dos tipos foram os elementos não plásticos (excetuando a argila propriamente dita) e os vãos e cavidades provocadas por gases. No caso dos elementos não plásticos não é fácil determinar se originalmente pertenciam à fonte da argila ou se foram adicionados como "antiplásticos". Tipologizamos as peças, usando como atributos, granulações dos elementos não plásticos, a sua organização interna em relação às superfícies externas e a forma da queima da pasta como um todo.

A divisão neste caso se daria da seguinte maneira: o grupo é a cerâmica; as super-classes deste grupo, no caso deste sítio, são as cerâmicas domésticas e as de construção. A exemplo das cerâmicas de construção teríamos como classes os tijolos, ladrilhos, telhas, manilhas e outros; as subclasses ou padrões teríamos, por exemplo, entre os tijolos, os tijolos com furos quadrangulares, com furos cilíndricos, compactos, vidrados, com banhos, com incisões, ou com a mistura destes. No caso da cerâmica doméstica apresentamos outro modelo de classificação¹⁴ baseado na diferenciação visual da composição de suas pastas, desta forma, observando, além dos aspectos antes apresentados, a porosidade, a coloração, a glasura, a barbotina ou o engobe dos fragmentos. Também fez-se classificação quanto a identificação de padrões de decoração. Assim encontramos cinco classes nos vestígios de cerâmica doméstica e estas divididas em subclasses e tipos.¹⁵

Enfim toda esta classificação serve para dar objetivação na busca do Tipo ao qual desejamos atingir. O Tipo não pode ser desvinculado de

¹⁴ PILEGGI, 1958 & BRANCANTE, 1981.

¹⁵ Vide anexo.

quem o produziu e o manuseou, no seu uso e abandono, estes seres humanos por trás do Tipo é o que nos interessa. A procura dos personagens que produziram, usaram e abandonaram os objetos corresponde a um segundo grande momento da investigação. Este momento já vem sendo processado por nós e terá seu término quando completarmos a análise dos objetos em correspondência com as procedências e as formas de deposição. Isto se faz pelo estudo técnico-cronológico e com o apoio da História e Antropologia.

3.1.1 – Cerâmica doméstica

Entendemos por Cerâmica Doméstica todo o artesanato de barro queimado em forma de recipientes para o uso doméstico, sem fins estruturais, que servem para cozimento, guarda, decoração ou outras funções não-arquitetônicas, normalmente composta por objetos móveis. Pertencem a este conjunto os vasilhames egobados, as terracotas, as faianças, faianças finas, as porcelanas, as cerâmicas vidradas, o grês cerâmico e outros.

3.1.1.1 – Produção colonial de cerâmica doméstica (Terracota e vidrada)

Em trabalho publicado pelo Museu Antropológico da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) encontramos uma descrição de produção colonial de cerâmica doméstica.¹⁶ Neste trabalho, em que foi feita uma comparação entre duas áreas de produção, em meados do século, são enfatizadas as diferenças e semelhanças nas três fases de manufatura: recolhimento e preparo do barro, confecção propriamente dita e o tratamento de superfície. Destes dois locais – Canto Grande dos Zimbros, município de Porto Belo, e no município de Ponte de Baixo de São José, os dois de Santa Catarina – comentaremos apenas as descrições gerais pois o que nos interessou foi a proximidade com a produção Colonial (séculos XVIII-XIX). É importante ressaltar que na comunidade dos Zimbros o trabalho é executado pelas mulheres e adolescentes e na Ponte de Baixo é pelos homens.

No processo primitivo, fabricação no Zimbros, não é produzida a cerâmica vidrada, na Ponte são fabricados as terracotas e as vidradas.

16 FOSSARI, 1992.

As duas comunidades coletam o barro em grandes bolas que são deixadas por alguns meses na sombra e cobertas para secar.¹⁷ O barro seco é pulverizado, nos Zimbros, por pilação manual e na Ponte é por tração animal.

Com o barro pulverizado é feita uma argamassa com substâncias orgânicas buscando-se a consistência necessária. São feitos então grandes roletes¹⁸ (grandes rolos de argila).

Os grandes roletes recebem formas dos recipientes, nos Zimbros é trabalho manual de modelagem produzindo-se sobre uma tábua ou mesa as espirais das quais saíram as formas finais desejadas. Na Ponte de Baixo¹⁹ o método de modelagem é torneado. No trono o pé faz mover uma grande roda que gira o prato com barro sem forma e a mão lhe dá a forma desejada.

Depois de receber a forma as arestas são lixadas com um sabugo de milho molhado. Fica em descanso perdendo a água por evaporação e endurecendo. Sólida é polida, na área dos Zimbros com um fragmento de um cipó que é molhado a saliva e passado na superfície interna do objeto. É levado, após, ao fogo brando de onde sai pronto para ser utilizado.²⁰

3.1.1.2 – Cerâmica doméstica terracota, engobada e vidrada

Entendemos por Cerâmica Doméstica Terracota todos os vasilhames de barro cozido artificialmente, com ou sem pintura a frio, ou louça de barro cozido. Estes objetos podem ser decorados, com predominância das pinturas, dos desenhos gravados (incisos) e em relevo (excisos), usando-se algumas vezes, simultaneamente, estes vários processos.

No caso da Cerâmica Doméstica Engobada, entendemos como todos os vasilhames de barro cozido que apresentam um revestimento superficial de barro fino aplicado antes da queima, que forma uma camada sobre o fundo original da Terracota.

As cerâmicas vidradas apresentam uma ou duas faces cobertas por substância que lhes dá a impressão de lustro fino como o vidro, normal-

17 Chamam "morrer".

18 Chamados "torcidas".

19 Método considerado semelhante ao açoriano.

20 FOSSARI, 1992: 43.

mente de cor verde ou amarela. Estas seriam as cerâmicas que mais se aproximam das louças brancas.

Estas classes cerâmicas apresentam apenas cinco fragmentos encontrados, sendo todos torneados, mas com decoração diferenciada, bem como o tratamento dispensado à pasta e superfície.

Em uma camada superficial foram encontrados dois fragmentos Terracota: um fragmento com técnica mista de decoração (pintada e exciso-estampado), pertence a um pote ou bilha, com pasta de granulação grossa e queima oxidada; há outro fragmento cuja forma da peça não podemos determinar, era de uma cerâmica de tratamento de superfície por alisamento (cerâmica lisa) de granulação fina e queima oxidada.

A terceira camada arqueológica que poderia ser considerada a camada mais antiga desta área do sítio, com exceção de algumas intrusões mais profundas, apresentou outros dois fragmentos de cerâmica doméstica importantes: um fragmento de Terracota é uma base, de superfície lisa, com granulação fina e queima oxidada, esta base em pedestal típica de algumas gamelas portuguesas dos períodos iniciais da colonização no século XIX, que aparecem em quase todos os sítios coloniais portugueses pesquisados no Brasil.

O outro fragmento de cerâmica doméstica engobada, cuja forma do objeto a que pertencia não foi reconhecido, é bastante interessante, pois é significativamente fino em sua espessura, apresenta incisões similares a uma rosca de frasco, mas sem o desgaste de uma mesma, sendo que além das incisões apresenta ainda um engobe de cor alaranjada na superfície externa; a pasta, não plástica, é fina e de queima oxidada.

Com certeza este último fragmento deveria servir a um objeto bastante delicado, provavelmente frasco de perfume ou similar. Este objeto pode, com as futuras escavações, responder a diversos questionamentos sobre os ocupantes do sobrado.

O fragmento cerâmico vidrado, internamente em verde, que deveria fazer de uma tigela, foi encontrado em uma primeira camada, estando assim fora de seu contexto original que é bastante mais antigo.

3.1.1.3 – Louças (Faiança, faiança fina e porcelana)

A denominação genérica para louças engloba em seu bojo as cerâmicas em geral, no caso utilizamos para as Faiança, Faiança Fina e Porcelana, que são produtos manufaturados de cerâmica, compostos de

substâncias minerais sujeitas a uma ou mais queimas feitas (matérias-primas) de caulim e argilas (plásticos) mais feldspato e quartzo (não plástico).²¹ Dentre estas os produtos porosos são a Faiança e a Faiança Fina e não poroso a Porcelana.

3.1.1.3.1 – Faiança

Para conceituar Faiança recorreremos a alguns importantes ceramistas. Aristides Pileggi considera Faiança os artefatos feitos em argila de grande plasticidade, a temperatura reduzida, porosa, pouco resistente e recoberta de esmalte opaco a base de chumbo ou estanho, o que a torna mais dura e sonora. George Fontaine taxativamente classifica Faiança como uma Terracota recoberta de uma louça fabricada a temperatura branda, geralmente amarelada ou cor-de-rosa (a pasta) e sua característica principal é a glasura opaca que cobre a superfície de barro como uma pele.²²

A par destes conceitos, o reconhecimento dessa louça é facilitado, entretanto ainda se fazem necessários mais alguns dados. A Faiança pode ser encontrada na Europa já desde o século XV sendo que sua base técnica veio da Pérsia e foi introduzida no continente pelos Árabes e Venezianos. Ao contrário da Faiança Fina e da Porcelana européia, essa louça foi produzida num período de mais de dois séculos em que a arte manual era pura, livre e espontânea.

No Brasil podemos encontrar nos sítios arqueológicos a Faiança proveniente da Península Ibérica desde o início da colonização até o século XIX quando a Faiança Fina toma o lugar até então reservado a louça mais artesanal. A produção brasileira ocorre desde o século XVIII, entretanto se fabrica um produto de menor qualidade chamado "meia Faiança". Não foram resgatadas estas louças na escavação do sobrado.

3.1.1.3.2 – Faiança fina

Podemos definir a Faiança Fina, em termos gerais, segundo Pileggi (1958) como sendo uma categoria intermediária entre a Faiança e a porcelana. Esta cerâmica resultaria da tentativa de alcançar no ocidente a porcelana oriental e superar a Faiança. Desta forma ocorre o surgimento

²¹ PILEGGI, 1958.

²² BRANCANTE, 1981.

de um tipo de cerâmica que tinha condições de ocorrer tanto com a Faiança como com a porcelana.

No decorrer do século XIX a concorrência da Faiança Fina sobre a Faiança, faz com que esta última tenda a desaparecer, devido às vantagens que a nova pasta traz, suprimindo a aplicação de barbotinas ou engobes que revestiam a Faiança para ocultar-lhe a tonalidade e as imperfeições, facilitando também na aplicação direta da decoração feita a um menor custo. A Faiança Fina apresenta variedades, contudo podemos dizer de forma geral quanto a sua constituição que é formada por uma pasta branca (mais clara que a Faiança), dura e opaca tendo uma glasure plumbífera incolor.

Sendo uma invenção inglesa do século XVIII, com a Revolução Industrial estes produtos menos custosos e com a produção em grande escala facilitada, a partir da Abertura dos Portos em 1808, invadiram o Brasil. Entretanto pode ser encontrada louça anterior a essa data via contrabando. No Brasil a Faiança Fina começa a ser fabricada no início do século XX com uma fábrica no Paraná (1902) e São Paulo (1913).

Encontrou-se nos trabalhos realizados no sítio em questão trinta e três fragmentos de louça Faiança Fina. A identificação e a classificação desse material foi realizada a partir da análise por semelhança de pasta quanto à porosidade e à coloração e também por padrão de decoração. Através dessa análise foram identificados os seguintes grupos:

1ª Pasta de coloração branca bastante porosa (um fragmento);

2ª Pasta de coloração clara levemente amarelada bastante porosa (um fragmento);

3ª Pasta de coloração clara pouco porosa (quatro fragmentos);

4ª Pasta de coloração clara bastante porosa

Os fragmentos desse grupo, uma Faiança Fina mais rústica, encontrados na escavação são materiais rolados provenientes dos fundos do prédio, num total de sete fragmentos: uma borda, decoração (anverso) duas linhas paralelas de cor verde claro levemente borradas, sob o fundo branco; dois fragmentos (colados componentes da mesma peça) com decoração (anverso) uma linha rente a borda e figuras geométricas, retângulos e quadrados, cor verde escuro sobre fundo branco; um fragmento de caldeira,²³ decoração (anverso) de figuras florais, friso horizontal no fundo com linhas em ziguezague verticais, cor azul-roxeadado

23 Parte da peça que compõe o bojo do vasilhame.

levemente borrada sobre fundo branco. Os demais fragmentos são de louça branca pouco significativa.

5ª *Pasta* de coloração clara, porosa.

Este último tipo de pasta apresenta vinte fragmentos sendo que com decoração estão entre eles, sete cacos, a partir da análise realizada foram identificados dois padrões de decoração:

– **Padrão dos "Pombinhos" ou "Willon Pattern"**

Faiança Fina inglesa do período conhecido como Chinoiserie, é um padrão que surge sob a influência da louça chinesa. Aparece entre os anos 1800-1815, atingindo após uma standardização, sendo produzido por inúmeras fábricas inglesas. Apresenta variações de pasta, esmalte e cor. O fragmento encontrado é parte do fundo do prato, apresenta decoração (anverso) frutos e árvores, cor azul sobre branco.

– **Padrão "Blue or Green Edged"**

Faiança Fina inglesa, caracteriza-se por uma decoração crinada limitada apenas às bordas onde é aplicada uma pintura em tons azul, verde ou avermelhado e também podendo apresentar baixo relevo. O período inicial de sua fabricação está entre 1780-1830 e por volta de 1800 já estaria sendo exportada para a América do Norte. Foram encontrados dois fragmentos de bordas, com decoração (anverso) crinada e baixo relevo, cor azul-roxeadado sobre branco.

Ainda quanto a este quinto grupo, dos vinte fragmentos sete são bordas: dois acima descritos, um com baixo relevo em torno da borda sem decoração pictórica, três fragmentos de bordas simples não apresentando decoração alguma (brancos) e uma borda com decoração não identificadas; um apresenta decoração floral em cor verde sobre fundo azul e o último é muito pequeno não sendo possível sua análise.

Quadro de faiança fina por camada e por quadrícula

| | B1 | B2 | B6 | B7 | B8 | B9 | B10 | B11 | C2 | ROL | Total |
|----------------|----|---------|---------|----|------------|---------|-----|-----|---------|------------|-------|
| Superf. | — | — | — | — | — | — | — | — | — | 03r 07d | 10 |
| 1 cam | 00 | 01 | 02 + | 00 | 04 +*cc | 01 | 01 | 00 | 02 b | | 11 |
| 2 cam | — | 01 a | 00 | 00 | 00 | 01 * | — | — | — | | 02 |
| 3 cam | — | 01 & | 01 | 02 | 03 cc | 00 | — | — | — | | 07 |
| 3 cam 4 cam | — | — | 01 | — | — | — | — | — | — | | 01 |
| 4 cam | — | — | — | — | — | — | — | — | — | | 00 |
| 5 cam | — | 02 # | — | — | — | — | — | — | — | | 02 |
| 6 cam | — | — | — | — | — | — | — | — | — | | 00 |
| Total | 00 | 05 | 04 | 02 | 07 | 02 | 01 | 00 | 02 | 10 | 33 |

Legenda: + "Blue or Green Edged" a – primeiro grupo
 * Azul não identificado b – segundo grupo
 & "Willon Pattern" c – terceiro grupo
 r Verde Floral não identificado d – quarto grupo
 # Borda decoração verde não identificada Demais quinto grupo
 — Estéril ou não escavado

Quadro quantitativo estratigráfico de faiança fina

| | B6 | B7 | B8 | B9 | B10 | B11 | Total |
|-----------------|----|----|----|----|-----|-----|-------|
| Arenosa | 02 | 00 | I | I | I | I | 02 |
| Úmida | 00 | 00 | 04 | 01 | 01 | 00 | 06 |
| Avermelhada | 01 | 02 | I | 01 | I | I | 04 |
| Escura | 01 | 00 | 00 | I | N | 00 | 01 |
| Clara | 00 | N | 03 | I | N | N | 03 |
| Escura compacta | 00 | N | 00 | 00 | N | N | 00 |

Legenda: I – não existe a camada de solo
 N – não escavada

3.1.1.3.3 – Porcelana

A Porcelana é uma criação chinesa do período da Dinastia T'ang (618 a 906 a.C.) conhecido dos latinos provavelmente desde a antiguidade. Com o aumento das relações oriente-ocidente e a conseqüente chegada da porcelana chinesa na Europa em maior número, criou-se cada vez mais o desejo de produzi-la nesse continente, em virtude de sua alta qualidade e do alto preço pago pelo produto.

Desde o século XVI os ceramistas europeus tentavam produzi-la, chegando a criar novos tipos de louças como a Faiança Fina e como a chamada Porcelana Mole. Este novo tipo de Porcelana (mole) tem uma pasta mais rica em feldspato e óxido de chumbo e é cozida a uma temperatura de 1.200° (a porcelana chamada dura, chinesa e moderna, sofre uma queima de 1.350° – 1.400°), foi produzida pela Itália, França e Inglaterra até a produção de porcelana dura. A Alemanha no início do século XVIII foi a primeira a conseguir fabricar o tipo de porcelana semelhante a chinesa, depois pelos outros países.

A porcelana dura se caracteriza por uma pasta composta de caulim, quartzo, feldspato ou minerais de composição análoga, cozidos a alta temperatura apresentando uma estrutura branca vitrificada, translúcida e sonora (já a porcelana mole além do maior índice de feldspato apresenta uma pasta de coloração levemente amarelada).

No Brasil podemos encontrar porcelana desde o início da colonização, trazida pelos navios europeus. No século XIX a influência da cultura francesa na elite do Brasil atraiu a porcelana fabricada na França desse período. Já no século XX vários são os países europeus a exportar para o Brasil, somando-se a eles a produção nacional. Cabe ressaltar o fato de que em torno de 1793 João Manso Pereira produziu porcelana pela primeira vez no Brasil.²⁴

Foram encontrados, nos trabalhos realizados, dezessete fragmentos de porcelana dura, destes sem decoração foram classificados: três bordas (sendo que duas fazem parte da mesma peça e foram coladas), quatro fragmentos de base de uma mesma peça colados e quatro fragmentos de corpo que não possibilitaram maior classificação. Com decoração foram classificados: um fragmento de espessura e tamanho reduzido com decoração de pequenas listras sob bolinhas de coloração azul; um frag-

²⁴ BRANCANTE, 1981.

mento com decoração em alto relevo cor rosa claro; um fragmento com decoração em flores e folhas policromo verde, preto, marrom, amarelo sobre fundo branco; um fragmento de porcelana recente decorado com um bonequinho nas cores azul, amarelo, preto, vermelho sobre fundo branco. Apenas foi identificado o padrão de decoração em dois fragmentos (colados), Porcelana Renner da década de 70 deste século, decoração (anverso) círculos coloridos em laranja e laranja forte.

Quadro de porcelanas por camada e por quadrículas

| | A/B-1/4 | B1 | B2 | B8 | B9 | C9 | B11 | Rolado | Total |
|---------|---------|------|------|-------------|------|------|--------|--------|-------|
| Superf. | / | / | / | / | / | / | / | 01 A | 01 |
| 1 camad | 01 A | 01 A | 01 B | / | / | 01 C | 06 A-E | / | 10 |
| 2 camad | / | / | / | 03 A-D-F | / | / | / | / | 03 |
| 3 camad | / | / | / | / | 02 A | / | / | / | 02 |
| 4 camad | / | / | / | / | / | / | / | / | 00 |
| 5 camad | / | / | 01 A | / | / | / | / | / | 01 |
| Total | 01 | 01 | 02 | 03 | 02 | 01 | 06 | 01 | 17 |

Legenda: A – Branca
 B – Rosa com Relevo
 C – Policromo com Bonequinho
 D – Floral Policromo
 E – Renner (1970)
 F – Azul Bolinhas

3.1.2 – Cerâmica de construção

Por Cerâmica de Construção entendemos as peças de barro queimado produzidas em olarias e utilizadas em edificações, vias de acesso e estruturas arquitetônicas, com a função de cobrir, guardar, montar, entre outras. A este conjunto pertencem: os tijolos, as telhas, os ladrilhos, as manilhas, os azulejos e outros.

3.1.2.1 – Sistema de produção colonial da cerâmica de construção

Segundo um oleiro de São Gabriel, RS, "Paulo da Olaria"²⁵ a argila para a confecção de tijolos é aquela em que as camadas de terra ficam entremeadas de areia. A obtenção desta argila é feita com a escavação em áreas baixas, de terras argilosas, até atingirem o solo mais concrecionário com maior presença de areias grossas. Recolhe-se o solo entre a camada argilosa e a arenosa.

A argila recolhida é levada a um barreiro ou amassador onde é pisoteada por cavalos. Ficando aí até estar bastante misturada.

Pronta, a massa é conduzida às "canchas".²⁶ Na cancha são produzidos os tijolos em formas de madeira que compõem dois tijolos de cada vez. A confecção é rápida, a massa é colocada na forma e em minutos depositados na cancha os tijolos crus onde permanecem por 24 horas, mesmo ao sol.

O forno é montado com os próprios tijolos crus, que são empilhados em forma de forno de pão, mas em grandes proporções, e são rejuntados com a mesma argila que serviu para fazê-los.

Depois de montado o forno são empilhados no seu interior vários tijolos, em média 500, e sob estas pilhas vazadas é deixado um vão em que passa um homem. Neste vão será colocada a lenha para a queima.

Os tijolos sofrem duas queimas neste forno, uma aberta e outra fechada. A queima aberta é a primeira quando o forno de duas bocas fica aberto recebendo lenha e a fumaça vasa pela chaminé. Esta queima dura 24 horas contínuas. Após este período os tijolos sofrem a segunda queima, fechada, onde as bocas são tapadas ficando apenas uma pequena abertura no topo para vazar a fumaça e a lenha vai se consumindo em seu interior, durando mais de 24 horas.

Após estas queimas o forno é desmontado, o tijolos reunidos para serem vendidos. Os tijolos que serviram para compor o forno propriamente dito também são vendidos, mas por menor valor. E reiniciam o processo.

25 Informação pessoal prestada por ocasião das obras de restauro no Mercado Público, em junho de 1994, Porto Alegre, RS.

26 Local de deposição dos tijolos antes de serem cozidos.

3.1.2.2 – As várias cerâmicas de construção

Existem várias Classes de Cerâmica de Construção, bem como várias subclasses.

A maioria dos pisos das casas do século XIX, provavelmente eram cobertos por tabuamentos, no entanto nesta área frontal à edificação apareceram pisos ou ladrilhos cerâmicos. Estes pisos encontrados em sua maioria consideramos descartes de outras edificações mais recentes. Foram nove fragmentos coletados, sendo que cinco são recentes, do tipo que apresenta duas faces que podem ser separadas, tendo perfurações e espaços longitudinalmente em seu corpo; os outros quatro são compactos vidrados em uma das faces. Não falaremos dos detalhes tipológicos pois não representam o período e provavelmente nem a edificação em questão.

No século passado poucos eram os locais em Porto Alegre que possuíam água encanada e esgoto.²⁷ Na área frontal ao sobrado foram encontrados oito fragmentos de manilhas, cinco com vidrado e três com banhos cerâmicos, provavelmente pertencem a este século.²⁸

Foram coletados também vários fragmentos de tijolos que poderiam servir ou não à edificação. Estes tijolos estão divididos em tijolos compactos, tijolos vidrados compactos, tijolos com furos cilíndricos, tijolos com furos quadrangulares e tijolos vidrados com furos cilíndricos. Os tijolos com furos, que somam trinta e cinco fragmentos, são recentes e não pertenciam originalmente à edificação.

O sobrado foi feito com tijolos compactos de granulação grossa, o que podemos atestar no prédio, sendo que foram encontrados quatorze fragmentos nesta intervenção.

Ao compararmos as camadas de onde provêm os objetos e suas formas de confecção nos deparamos com o seguinte exemplo: dos quatorze fragmentos resgatados três apresentam uma superfície vidrada em sua superfície externa, cada um pertencendo a um tipo específico através do estudo da pasta; um destes fragmentos encontrado na camada mais superficial apresenta uma granulação grossa, uma organização irregular da pasta e uma queima oxidada; outro fragmento encontrado na

27 A instalação dos primeiros dutos de água potável em Porto Alegre foram em 1866 na Rua da Praia e de esgotos em 1869.

28 Temos informação de neto de Antônio Nogueira Barbosa, que adquiriu a Chácara em 1911, que este teria comprado com direitos de água que era retirada de um córrego próximo, recolhida em uma cisterna e encanada para a edificação.

segunda camada do sítio apresenta uma granulação fina e uma queima reduzida ou incompleta; e o terceiro fragmento coletado da terceira camada do sítio é de pasta com não plásticos finos, organizados de maneira regular (isto é dispostos em alinhamento) com queima completa (oxidada). Estas colocações dos tijolos sugerem uma intervenção posterior ao processo de deposição natural das camadas no local das intervenções arqueológicas, pois as técnicas de confecção não estão sendo confirmadas cronologicamente na sucessão de camadas. E comparando a outros fragmentos cerâmicos temos a idéia de que boa parte da área de investigação apresenta removimento recente.

Dos outros onze fragmentos de tijolos, os pertencentes aos tipos mais recentes representam 63,6% do total e os mais antigos, quatro fragmentos, se dividem em três tipos e três camadas de solos diferentes da área de trabalho: uma superficial, uma terceira camada e em uma sexta camada. Isto revalida a idéia de perturbação do sítio.

Os casarões do século passado normalmente eram cobertos com telhas cerâmicas conhecidas como capa-canal, ou seja, telhas em formas de meia-cana, que afunilavam-se de uma extremidade para a outra. Estas telhas eram depositadas sobre os telhados em que seu peso e, no caso do estilo colonial, por uma fileira de telhas da borda que sobrepostas, impediam que o telhado escorregasse, este beiral é conhecido como beira sobre beira.

As tipologias das telhas capa-canal que indicam uma maior antigüidade, representam 95,6% do total dos quarenta e cinco fragmentos coletados, sendo que apenas duas peças aparentam ser mais recentes, sendo que uma destas é da primeira camada e a outra da terceira.

Esperamos no futuro comparar estes fragmentos com as telhas inteiras que ainda existem no local.

Além destas telhas em meia-cana foram encontrados também nove fragmentos de telhas planas francesas, ao serem analisadas tipologicamente foram consideradas recentes. As telhas francesas planas são inicialmente introduzidas no Brasil no início deste século.

Existe outra série de vinte e cinco fragmentos cerâmicos que foram considerados não agrupáveis, mas cuja pasta pode ser enquadrada em um tipo, estes tipos servirão no futuro para ajudar na quantificação de certos tipos de pastas preferenciais ou não, utilizadas no sítio.

4 – CONSIDERAÇÕES GERAIS

Ao compararmos a grande quantidade e variedade dos dados cerâmicos até o momento analisados verificamos uma antigüidade significativa do material e por conseguinte da edificação.

O que vem prejudicando uma melhor interpretação dos dados é a grande alteração ocorrida na estratigrafia, em função do estabelecimento da rua (Travessa Paraíso), na qual foi feito o trabalho e também pela colocação de um cano de escoamento de águas pluviais e muro de arrimo no local de intervenção. Mas com os futuros trabalhos no interior da casa e em seu pátio teremos resguardadas melhor as cronologias e evidências de áreas, pessoas e relações sociais dos grupos que habitaram este sobrado nos diversos períodos de sua ocupação.

As colocações esboçadas em um trabalho arqueológico estão envoltas pelas possibilidades e limitações contidas na própria forma de investigação científica.

Os dados essenciais que o arqueólogo trabalha são fragmentos da cultura, compostos de restos materiais de atividades passadas. Construir o conhecimento a partir destes restos, ultrapassa a descrição, é buscar a sociedade que os concebeu e utilizou.

A tentativa é desafiante pois o objeto não fala por si, como um documento escrito ou uma experiência química ou física, a sociedade em estudo não é ativa mas passiva no processo de construção, diferente da sociologia ou da antropologia. O "dado" possibilita a construção da visão sobre a sociedade através da mediação teórica e metodológica.

A imposição que a formação que o próprio registro arqueológico sofreu é importante. Esta formação comporta constantes alterações (culturais, bióticas e abióticas), que devem ser percebidas e trabalhadas pelo pesquisador, que não obtém respostas imediatas na realização do trabalho. Arqueólogo sem técnica, sem metodologia e sem teoria, não é arqueólogo.

Assim a mera descrição dos artefatos não deve ser levada enquanto fim do processo de interpretação, mas sim como o início dele, devem ser buscados os aspectos formadores e consecutivos destes elementos. Devemos entender os sítios enquanto espaços fundamentais e cotidianos, marcantes desses assentamentos humanos.

E quanto ao sítio histórico existe um aporte e apoio maior das informações históricas e arquitetônicas. Aporte este que possibilita abertura do leque de informações e questionamentos sobre o sítio, possibili-

tando dar informações, quando necessário, aos restauradores e conservacionistas.

Quando deparamo-nos com sítios históricos é importante objetivar a identificação dos processos técnicos e materiais construtivos, nas estruturas originais, nas reformas e adaptações das edificações. Para tanto os documentos históricos são importantes, assim como as visões arquitetônicas atuais e sobre o passado das edificações. Visões estas que podem ressaltar as diversidades de pisos, soleiras, evidencição de fundações, escadas, aberturas, paredes, fogões e outros elementos.

É importante ressaltar a estratégia no sentido das construções históricas em função das áreas de coleta d'água, caminhos, visibilidade e outros aspectos.

Uma contribuição da arqueologia está na possibilidades de aplicação do foco de análise. As informações históricas nos dão indicativos do processo de desenvolvimento e urbanização principalmente no século XIX. Estas informações raramente contemplando o cotidiano e nem as relações ambientais entre senhores, servos, escravos, com a comunidade e entre comunidades vizinhas.

Estas relações entre arqueologia e história podem e devem definir relações sociais, religiosas, econômicas e outras. E a partir destes assumir uma atitude crítica que possa trazer benefícios ao presente.

Todas as inferências produzidas a partir do cruzamento das diversas fontes de dados, sejam arqueológicas, históricas ou arquitetônicas, não pretendem esgotar a interpretação de quadros esboçados. Apesar das limitações do estudo, já comentadas, procuramos manter-nos fiéis ao nosso desafio fundamental, isto é, o de procurar desvendar o sítio na sua dimensão mais vital, trazendo à tona as particularidades de um palco onde relações sociais se desenvolveram e deixaram suas marcas nos restos materiais que subsistiram.

Construindo com este trabalho mais uma forma de preservação do patrimônio que nos possibilita a memória e recriando o sentido de cidadania, possibilitando a reapropriação pela comunidade dos bens que nunca lhe devem ser expropriados.²⁹

²⁹ FOSSARI, 1992: 53-61.

5 – BIBLIOGRAFIA

- ARQUIVO PUBLICO DO RIO GRANDE DO SUL – 1879. *Inventário de Dionísio de Oliveira Silveiro*. 3º Cartório do Cível, Arquivo Histórico do Estado, Porto Alegre.
- AVÉ-LALLEMANT, Robert – 1980. *Viagem pela Província do Rio Grande do Sul (1858)*. Ed. Itatiaia, Ed. USP, São Paulo.
- BELLO, Helton – 1990. *Solar da Travessa Paraíso*. VII CECRE, Salvador, Bahia.
- BRANCANTE, Eldino da Fonseca – 1981. *O Brasil e a cerâmica antiga*, Cia Litográfica Ipiranga, São Paulo.
- CAMUS, Albert – 1978. *Diário de viagem*, 3ª Edição, Ed. Record, Rio de Janeiro.
- CHMYZ, Igor – 1966. "Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica, Seminário de Ensino e Pesquisas em Sítios Cerâmicos, Manuais de Arqueologia II, Centro de Ensino e Pesquisas Arqueológicas, Departamento de Antropologia, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.
- COSTA, Gilda F. M. da – 1986. *Anais do Arquivo Histórico do Município de Porto Alegre*, 2 Vol., SMC, PMPA, Porto Alegre.
- . – 1988. *Anais do Arquivo Histórico do Município de Porto Alegre*, 3 Vol., SMC, PMPA, Porto Alegre.
- . – 1990. *Anais do Arquivo Histórico do Município de Porto Alegre*, 4 Vol., SMC, PMPA, Porto Alegre.
- FRANCO, Sérgio da Costa – 1992. *Porto Alegre: guia histórico*. 2ª edição, Ed. UFRGS, PMPA, Porto Alegre.
- FREYRE, Gilberto – 1940. Sugestões para o estudo histórico do sobrado no Rio Grande do Sul. *Anais do III Congresso Sul-Riograndense de História e Geografia*. v. 1, PMPA, Ed. Globo, Porto Alegre.
- GIACOMELLI, Sérgio – 1992 *Solar Lopo Gonçalves: de propriedade rural a Museu de Porto Alegre*, Cadernos do Museu II, SMC, PMPA, Porto Alegre.
- HÖRMEYER, Joseph – 1968. *O Rio Grande do Sul de 1850 – descrição da Província do Rio Grande do Sul no Brasil Meridional*, D.C. Luzzatto, Ed. EDUNI-SUL, Porto Alegre.
- LIMA, T. A.; FONSECA, M. P. R. da; SAMPAIO, A. C. de O. e outros – 1989. A tralha doméstica em meados do século XIX: reflexões da emergência da pequena burguesia do Rio de Janeiro. *DÉDALO*, Publicações Avulsas n-1, Rio de Janeiro.
- MACEDO, Francisco Riopardense de – 1980. *O solar do almirante (História pela Arquitetura)*, UFRGS, IEL, Porto Alegre.
- MARTINS, Francisco E. de Oliveira – 1983. *Arquitetura nos Açores – subsídios para o seu estudo*, Região Autónoma dos Açores, Secretaria regional dos Transportes e Turismo, Direcção Regional de Turismo, Horta.
- PESAVENTO, Sandra J. *Memória Porto Alegre – espaços e vivências*, PMPA, UFRGS, Porto Alegre.
- PILEGGI, Aristides – 1958. *Cerâmica no Brasil e no mundo*, Martins Editores, São Paulo.
- PORTO ALEGRE, Augusto – 1906. *A fundação de Porto Alegre*, Livraria Globo, Porto Alegre.
- REVISTA DO CEPA – 1988. v. 15, n. 18, junho, Santa Cruz do Sul.

- SANHUDO, Ary Veiga – 1975. *Porto Alegre crônicas da Minha cidade*. v. 2, Ed. Movimento, IEL, Porto Alegre.
- SOUZA, Sara Regina – 1981. *A presença portuguesa na arquitetura da ilha de Santa Catarina – Séculos XVIII E XIX*, FFC edições, IOESP, Florianópolis.
- TELLES, Augusto da Silva – 1975. Vassouras – estudo da construção residencial urbana, in: TELLES, A.S.; PINTO, Estevão; CARDOSO, Joaquim e outros *Arquitetura Civil II*, FAUUSP, MEC-IPHAN, São Paulo.
- ZANETTINI, Paulo Eduardo – 1986. Pequeno roteiro para a classificação de louças obtidas em pesquisas arqueológicas de sítios históricos, in: *Arqueologia*, v. 5, Curitiba.

ANEXO

DIVISÃO DENDRÍTICA DO GRUPO CERÂMICA

| SUPER CLASSE | CLASSE OU PADRÃO | SUBCLASSE | TIPO | |
|----------------------------------|----------------------------------|--|---|--|
| CONSTRUÇÃO (119) | TELHAS (54) | CAPA-CANAL (45) | A– regular, fina, oxidada (1) | |
| | | | B– regular, fina, reduzida (1) | |
| | | | C– regular, grossa, oxidada (31) | |
| | | | D– regular grossa, reduzida (1) | |
| | | | G– irregular, grossa, oxidada (11) | |
| | | | FRANCESA (9) | A– regular, fina, oxidada (8) C– regular, grossa, oxidada (1) |
| | | TIJOLOS (49) | COMPACTOS SIMPLES (11) | A– regular, fina, oxidada (1) |
| | B– regular, fina, reduzida (1) | | | |
| | C– regular, grossa, oxidada (4) | | | |
| | D– regular, grossa, reduzida (1) | | | |
| F– irregular, fina, reduzida (1) | | | | |
| | | COMPACTOS VIDRADOS (3) | A– regular, fina, oxidada (1) B– regular, fina, reduzida (1) G– irregular, grossa, oxidada (1) | |
| | | COM FURO CILÍNDRICO SIMPLES (23) | A– regular, fina, oxidada (14) B– regular, fina, reduzida (5) G– irregular, grossa, oxidada (4) | |
| | | COM FURO CILINDRICO VIDRADO (1) | A– regular, fina, oxidada (1) | |

| SUPER CLASSE | CLASSE OU PADRÃO | SUBCLASSE | TIPO |
|---------------|-------------------|--------------------------------------|--|
| | | COM FURO QUADRADO SIMPLES (11) | A- regular, fina, oxidada (4) C- regular, grossa, oxidada (7) |
| | MANILHAS (7) | COM BANHO Externo\Interno (3) | A- regular, fina, oxidada (2) B- regular, fina, reduzida (1) |
| | | VIDRADO Interna (1) | A- regular, fina, reduzida (1) |
| | | VIDRADO Externo (1) | A- regular, fina, oxidada (1) |
| | | VIDRADO Interno\Externo (3) | A- regular, fina, oxidada (3) |
| | LADRILHOS (9) | BIPARTIDOS (5) | A- regular fina, oxidada (3) C- regular, grossa, oxidada (2) |
| | | VIDRADO Simples(1) | A- regular, fina, oxidada (1) |
| | | DUAS FACES (3) | A- regular, fina, oxidada (3) |
| DOMÉSTICA (5) | ENGOBADA (1) | INCISA (1) | A- fina, oxidada (1) |
| | VIDRADA (1) | VERDE (1) | A- fina, oxidada (1) |
| | TERRACOTA (3) | LISA (2) | A- fina, oxidada (2) |
| | | MISTA Estampada\Pintada\ Externa (1) | C- grossa, oxidada (1) |
| | FAIANÇA FINA (33) | Pasta branca bastante porosa (1) | sem decoração (1) |

| SUPER CLASSE | CLASSE OU PADRÃO | SUBCLASSE | TIPO |
|---------------------|------------------|---|---|
| | | Pasta clara amarelada bastante porosa (1) | sem decoração (1) |
| | | Pasta clara pouco porosa (4) | sem decoração (1) |
| | | Pasta clara bastante porosa (7) | sem decoração (3) com decoração (4) |
| | | Pasta clara porosa (20) | "Blue or Green Edged" (2) "Willon Pattern" – "Pombinhos" (1) Azul \identificado (2) Verde Floral \identificado (1) Verde sobre azul \identificado (1) pintadas (8) branca baixo relevo (1) sem decoração (4) |
| | PORCELANA (7) | | pintada (3) estampa-pintada (1) Renner (2) sem decoração (1) |
| NÃO AGRUPÁVEIS (26) | | | A– regular, fina, oxidada (16) B– regular, fina, reduzida (1) C– regular, grossa, oxidada (6) E– irregular, fina, oxidada (1) G– irregular, grosso, oxidada (2) |